



A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

PERMANÊNCIA E METAMORFOSES

José Augusto Cardoso Bernardes

Ana Maria Eva Miguéis

Carla Alexandra Silva Ferreira

COORDENAÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2015

Tendo como pano de fundo as Comemorações dos seus 500 anos, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra organizou um Congresso Internacional subordinado ao tema “A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses”, que teve lugar nos dias 16, 17 e 18 de janeiro de 2014, no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.

O objetivo maior desta reunião científica foi o de refletir sobre o presente e o futuro das bibliotecas que servem públicos universitários. Numa outra vertente, procurou chamar-se a atenção para a importância de que a Biblioteca se reveste, tendo em vista o progresso do conhecimento técnico e científico. Por último, o Congresso pretendeu instituir-se como oportunidade de reflexão prospetiva e como lugar de encontro entre as sensibilidades de todos os que trabalham profissionalmente com livros e com outros suportes de natureza bibliográfica.

Nesse sentido, foram apresentadas Conferências, Mesas Redondas e sessões de Testemunhos em torno de temas como o valor das bibliotecas universitárias, a biblioteca universitária em contexto; as mudanças e os desafios; a biblioteca universitária e a sociedade da informação e conhecimento; o impacto do acesso aberto na comunidade científica, e as bibliotecas digitais.

SAUL ANTÓNIO GOMES

Universidade de Coimbra

University of Coimbra

OS NOVOS CÓDICES MEDIEVAIS: UMA REFLEXÃO

THE NEW MEDIEVAL CODICES: A REFLEXION

Quero agradecer o convite amável que recebi por parte do Senhor Diretor da BGUC para participar neste congresso comemorativo do quinto centenário da “Livraria” da Universidade de Coimbra. Confesso que o desafio que me foi proposto, o de produzir uma intervenção num painel dominado pela abóbada do universo digital, me surpreendeu. O meu trabalho académico centra-se sobretudo no património bibliográfico e documental real e não virtual. E um codicólogo, tenhamos presente esse princípio, como um paleógrafo ou um investigador de ciências históricas, sabe perfeitamente que, no seu trabalho, um “códice em formato eletrónico” ou uma reprodução fotográfica de um manuscrito nunca serão suficientes para a conclusão cabal de uma descrição catalográfica ou analítica. Mas também é verdade que os recursos tecnológicos atuais facilitam enormemente o acesso e o estudo desses códices antigos produzidos com recurso a papiro, a papel ou pergaminho, em geral ricamente iluminados e com encadernações preciosas, num todo que torna cada exemplar desses livros uma obra de arte.

Mas à semelhança de um qualquer escriba medieval, que ao expressar *in illo tempore* o seu contentamento pelo fim do seu trabalho de cópia de um códice inscrevendo no fólio final um colofão, subscrevendo-se e anotando humildemente o que lhe ia na alma imprecava a solidariedade em espírito dos leitores, também eles virtuais, dessa sua obra, rogando-lhes padre nossos e ave Marias por intenção da salvação da sua alma, assim, neste momento, também eu peço aos colegas e presentes o indulto

para a pequenez da reflexão que, no espaço de tempo que generosamente me atribuíram, me proponho apresentar.

Bem sabemos que, hoje, o códice medieval não é repetível; nem sequer o adjetivo novo, aqui, pode ser tomado com o valor absoluto que, há quinhentos anos atrás e bem antes lhe concediam autores, copistas ou até impressores de incunábulos e livros antigos, ou seja, como se sabe, equivalente a uma obra produzida ou editada pela primeira vez. Se bem que, no universo polissémico dos conceitos e de uma história do livro, também ela presente, para a qual necessitamos de uma permanente reinvenção de vocabulário, e não apenas o dos catálogos, em ordem a expressar a melhor adequação das ideias às palavras, dos corpos aos significados comunicacionais. Novos códices, hoje, bem podem ser aqueles que, pela primeira vez na sua história, conhecem o formato digital e experimentam a circulação veloz e vertiginosa das redes e conexões da Internet e das suas “sitiografias”, dos seus portais, dos seus “foros”, das plataformas virtuais de comunicação social e da blogosfera.

O suporte digital permite, em ambiente web, a circulação vertiginosa do códice e do livro. As tecnológicas informáticas oferecem a possibilidade de se resolverem muitos problemas em matéria de acesso e de divulgação, por parte das instituições guardiãs do património bibliográfico e documental, aos fundos de manuscritos e de impressos que possuem. Estas novas tecnologias, associadas à Internet, operaram mais uma revolução na história do livro e do códice. Mais uma, na verdade, porque o *codex*, na sua forma, foi a primeira dessas idades de mudança histórica nos suportes de escrita, como, no século XV, com a imprensa, se assistiu à segunda revolução da história bibliográfica, para, nos finais do século XX, termos assistido à terceira grande mudança nesse longo processo histórico-cultural, tendo todos nós o privilégio de sermos testemunhas desse momento transformador.

O objeto digital bibliográfico é responsável por uma nova geração de livros e, naturalmente, também dos códices. Devo precisar este ponto. Não considero, agora, o novo livro que é o livro digital, mas tão somente o surgimento de réplicas digitais de velhos códices que permitem o seu estudo e a sua fruição estético-cultural. O novo suporte digital, ao con-

ciliar a oferta de um conteúdo com a sua circulação global, trouxe uma liberdade de manuseamento e acesso a velhos códices que, outrora, era impensável. Impensável a ponto de os antigos manuscritos se guardarem agrilhoados por correntes de ferro a pesados armários, fechados a sete chaves em arcas reforçadas com aros de ferro, guardados nas casas dos tesouros de igrejas e de palácios, protegidos, até, por temíveis condenações e penas de excomunhão contra aqueles que os retirassem dos seus lugares.

Hoje, esses códices podem circular na web, como podem ser copiados eletronicamente para uma *pen* ou um *pc* e andarem na pasta ou nos bolsos do casaco do investigador. Os velhos manuscritos transformaram-se em neo-códices. E esta mudança no modo de apropriação, por reprodução, dos antigos manuscritos é acrescida por todo um conjunto de informação gerida e organizada por especialistas nas novas arquiteturas tecnológicas de páginas *web* e de *opacs* e seus sistemas de geração, manutenção e renovação.

Os neo-códices de que falamos são, para o codicólogo e o historiador, meios utilíssimos para os seus trabalhos. Desde logo porque as redes de informação criadas à escala global acrescentam exposição e visibilidade aos numerosos tesouros bibliográficos acumulados ao longo dos séculos. Agora o acesso a um antigo códice não é nunca um ato isolado por parte do investigador e do leitor. O estudo ou fruição de um códice medieval, por exemplo, pode ser servido, em função dos objetivos do seu novo leitor, pela pluralidade informativa que os sítios de documentação bibliográfica oferecem.

A consulta *on line* dos seus catálogos, a entrada nas páginas web dessas instituições, a disponibilização de revistas especializadas parcial ou integralmente em linha, a atualização das listas sobre novas aquisições ou disponibilizações de documentação em digital, a existência de bases de dados de manuscritos gerais ou específicas, mormente de bancos de imagens e iluminuras ou de determinadas coleções bibliográficas, programas de identificação de textos, plataformas de publicação e edição “em linha”, mostras em filme ou em vídeo de exposições e eventos, como de materiais didáticos, por exemplo, relativos a materiais librários (papiro,

pergaminho, papel, tintas, encadernações), projetos de investigação, páginas de divulgação, portais científicos e culturais geralmente sediados num país mas de alcance internacional.

Não trago a estatística deste espectro “webgráfico”, mas todos temos uma noção empírica aproximada da real de que estamos perante alguns milhares de sítios virtuais carregados de informação que amplia enormemente o conhecimento e a fruição deste património codicológico que nos motiva.

A definição de livro é plural e nem sempre tão imediatamente fácil como aparenta. O livro de ontem e o livro de hoje, o livro manuscrito, mas também o impresso e agora o livro digital, todos eles mantêm, nas suas diferenças, fios identitários comuns. E o primeiro desses fios é, para mim, o da sua história. É no processo histórico do livro que podemos observar a coerência desse objeto material e imaterial a que chamámos *biblion*, *volumina*, depois *codices*, agora livros e livros digitais. No passado, o livro exigia o chão da materialidade; no presente, sem que o livro perca o seu ADN gerador, esse microuniverso de escrita desmaterializa-se no labirinto comunicacional eletrónico.

Falar do livro no seu presente, prestidigitando o seu futuro, é uma reflexão natural e sempre necessária, a todos quantos amam o livro ou nele encontram o recurso didático das suas vidas e descobertas intelectuais por excelência, mas que não podemos fazer sem uma remissão constante à sua história. E essa história é longa e perdura vivaz na etimologia memorial das palavras que codificam o escrito librário nas suas múltiplas representações e enunciações. Livro, volume, códice, tomo, título, capa, encadernação, caderno, folha, página, margem, caixa, coluna, linha, letra, iluminura, eis alguns dos nomes cujas etimologias se desdobram em significações múltiplas em que se descobre o princípio genesíaco do objeto que consideramos e que, sendo matéria, não retira verdadeiramente a sua força e longevidade dessa condição, antes e sobremodo da sua condição de enunciado imaterial.

O livro é reflexo epocal permanente dos seus autores e dos seus leitores, também das bibliotecas que os guardam, como tesouros preciosos. Tesouros que se partilham, todavia, como dádivas de amor, de um amor

diferente, claro está, testemunhado no encontro do leitor com o livro procurado senão do bibliófilo com o livro de há muito desejado. Um códice ou um livro pertence ao género das obras de arte. Pode ser um templo do sagrado ou um museu especialíssimo de todas aquelas musas inspiradoras dos que escrevem ou desenhavam a criação.

Há um conceito codicológico dominante na leitura de um manuscrito. Refiro-me ao conceito, um tanto próprio de papéis e cenários teatrais, *de mise en page*. Uma *mise en page* que encerra a ideia semântica da composição da página na qual se afirma a unidade básica do códice e do livro. Coisa admirável, escreveu o poeta Marcial, elogiando essa nova forma de *liber*, já não em rolo, mas em forma de cadernos retangulares, a que se chamou *codex*. Na arqueologia do livro, a *mise en page* é uma das componentes estruturantes. É por ela que o livro mais exerce os seus poderes de reflectografia artística; por ela se apresenta, se mostra, se expõe ao espectador e ao leitor.

O livro é uma obra de arte e comunga, como estas, de regras construtivas matemáticas, ou seja, de regras universais que afirmam a perfeição criadora tanto quanto ela é mensurável e traduzível em forma artística. As obras de arte propiciam uma contemplação estética e simultaneamente apelam à inteligência da sua decifração e compreensão. A interação da pessoa com a obra de arte constitui uma experiência com uma dimensão extremamente singularizada. Muitos apreciadores ou “consumidores” das artes, em todas as suas linguagens, valorizam uma relação de apropriação como que metamórfica entre o objeto artístico e aquele que o contempla. A memória dessa experiência documentou-se durante muito tempo pela aquisição de postais, fotos e outras reproduções do objeto reverenciado, como que relíquias indiretas do ente emulado, sendo que hoje essas formas de recordação evoluíram também para a imagem em movimento levada a cabo por um simples telemóvel ou um tablete vulgar ou outras maravilhas da tecnologia nossa contemporânea.

Um manuscrito medieval, um códice de conteúdo literário, científico, histórico ou diplomático, é invariavelmente uma obra de arte e um património único e insubstituível. Obra de um escriba, de um calígrafo e copista, ou da sua oficina e equipa auxiliar, como, de resto, se verificava

noutras áreas artísticas em que os mestres e os seus aprendizes criavam e reproduziam objetos artísticos, o códice medievo apresenta elementos constitutivos que consolidam o seu valor estético.

Muitos códices desses tempos, como ainda da Europa do pleno Renascimento, são efetivamente obras-primas do património cultural e artístico do mundo. Lembremos, para não sairmos da casuística portuguesa que importa valorizar nos 500 anos da Livraria daquela que foi a *alma mater* dos estudos superiores na Lusofonia, manuscritos como o Apocalipse de Lorrão, as Bíblias Atlânticas da BGUC, os Livros de Horas desta Biblioteca como os que se guardam na BNP e noutras bibliotecas, arquivos e museus, a Bíblia dita dos Jerónimos, na TT, entre tantos e tantos outros (milhares) de códices.

O códice manuscrito medieval era tão maravilhoso que os primeiros e maiores tipógrafos, paladinos de uma arte maior da “imprimissam”, Gutenberg ou Aldo Manuzio, entre outros, procuraram imitar e até superar, em perfeição, os modelos canónicos desses livros tecidos por monges e copistas leigos como obra de adoração maior e mais genuína do seu Deus. O apreço de bibliófilos e bibliómanos por esses livros levou-os a procurá-los por todo o lado, pagando fortunas para os terem, ou cópias fiéis, nas suas bibliotecas principescas. As revoluções tecnológicas permitiram formas de reprodução aceitáveis desses antigos manuscritos. Reproduzidas em gravura ou em fotografia, a preto e branco ou em policromia, viriam a conhecer processos de replicação de grande perfeição como sucede com os quase-originais, autênticos clones dos exemplares originais.

As formas de apropriação do códice medieval multiplicaram-se, desde o século XIX e particularmente ao longo do século XX, por razões de investigação científica. Fotografia, microfilme e fotocópia foram processos comuns e frequentes, como todos sabemos. As novas tecnologias permitiram, todavia, verdadeiros milagres no domínio da replicação e da mediação do códice manuscrito antigo que agora se disponibiliza, numa galáxia comunicacional globalizada, universalmente. A imagem digital reproduz muito satisfatoriamente todo esse património bibliográfico e documental que o investigador ou o simples colecionador tanto apreciam. Essas verdadeiras obras de arte, esses manuscritos artísticos, são

agora mostrados praticamente sem barreiras, digitalizados, acedendo-se a eles, em navegações por mares magnos e livres, através de plataformas eletrónicas e da Internet.

Os neo-códices cultivam a heteronímia, acrescentando ao nome de batismo, codex, segundas e solenes identificações como *e-books*, *e-codices*, *codices electronici* ou *digitalised manuscripts*. São os novos códices cujo padrão de perfeição o milénio medieval apurou, e de que agora podemos dispor em quantidades inauditas há vinte ou trinta anos atrás. As suas versões digitalizadas são geralmente marcadas pela qualidade da imagem que oferecem, permitindo a fruição do livro – um dos primeiros princípios da lógica social da escrita do livro – e, sobretudo, para os iniciados, o estudo crítico do texto, da imagem, do manuscrito na sua arqueologia codicológica.

Todavia, afirmemos que nada substituirá jamais o original. Para que isso fosse possível, o objeto digital teria de reproduzir todas as dimensões e imanências sensoriais e materiais próprias do códice: a sua tridimensionalidade, texturas, peso, temperatura, odor até a espessura dos seus fólhos em pergaminho ou a filigrana do papel. A descrição bibliográfica exige a crítica da autenticidade e todo o investigador sabe que o estabelecimento de aforismos sobre uma peça antiga, como, por exemplo, a consideração crítica da sua data, elemento central da heurística de qualquer fonte, nunca pode dispensar a avaliação do original e da autenticidade que nenhuma réplica ou reprodução consegue gerar.

As novas tecnologias, como infografia, refletografia, entre outras, permitem, por outro lado, dissecar o manuscrito sem o danificar, iluminando as camadas invisíveis de palimpsestos e textos reescritos, assim como as análises laboratoriais permitem conhecer elementos relevantes como a composição química dos elementos pictóricos. A reconstituição do trabalho dos copistas, por exemplo, é amplamente facilitada pelo recurso à microfotografia, em tempos de L. Gilissen¹, e agora ao recurso

¹ Ver, deste consagrado Autor, a sua obra clássica, GILISSEN, Léon – *L'expertise des écritures médiévales: recherche d'une méthode avec application à un manuscrit du XI^e siècle: le Lectionnaire de Lobbes: Codex Bruxellensis 18018*. Gand: E. Story-Scientia, 1973.

do manuseamento da imagem em qualquer computador apetrechado com esses recursos técnicos de trabalho com imagem. Já a feitura do códice, em particular a *mise en page* e a consideração das suas proporções, da composição dos cadernos ou da própria encadernação exigirá sempre o trabalho com o original. E se a réplica digital, ou outra que seja, tem os seus problemas de conservação, envelhecimento rápido e de possível danificação ou de perda de um nível de qualidade satisfatória das imagens, reconheçamos, também, que o manuscrito original exige uma vigilância continuada de verificação da sua saúde e do seu estado de higienização. Isto para vincar que não há futuro para o códice sem um presente social e cultural que o saiba valorizar, processo que pressupõe, entre outros compromissos, o da sua fruição.

Do ponto de vista da história do livro, no presente caso do códice que é manuscrito, a transposição das suas réplicas para o espaço virtual da Internet, desmaterializado, não diminui todo o conjunto tradicional das continuidades relacionais do leitor ou do investigador com o seu objeto de leitura ou de estudo, mas também lhes impõe modos de ler e de ver agora distintos.

Poderá afirmar-se que o que permanece entre o original manuscrito/códice e a réplica digital, em ambiente web ou não, é, primeiramente, o da realidade, material e/ou virtual, do livro. Em ambos os casos, reconheça-se, o bibliotecário/arquivista e o leitor terão de manter uma consciência lúcida e vigilante em relação à questão da perenidade do exemplar, uma garantia nem sempre total. Os ganhos de acessibilidade eletrónica ao livro/códice refletem-se nos modos da sua consulta, mais simplificada e liberta de “inquérito” por parte dos detentores custodiais dos livros/códices; mais simplificada também pelo tempo de acesso, agora permanentemente em aberto, em que a “leitura” pode ser realizada e na pluralidade dos modos de “manuseamento” que o observador ganha. No original como na sua réplica digital – como, antes da morfologia digital, as réplicas fac-similadas por recurso a fotografia – diferenciados pela tactibilidade, ou não, do códice, mantém-se todavia incólume a beleza de dentro e de fora dos códices.

O códice é irremediavelmente um objeto único. A sua reprodução protege-o², não o substituindo, mas permitindo o seu alcance por muitos leitores de maior ou menor exigências de especialização. Separará sempre o códice do “e-codex” a garantia da originalidade, da sua integralidade e da sua autenticidade. Ao códice manuscrito, forma e conteúdo, fora e dentro, substitui-se a réplica apenas desse lado interior, integral, como o objeto matriz, mas intáctil e incorpóreo. Como todas as coisas originais, o códice, na sua condição de manuscrito, é único e irrepetível, insubstituível. Face ao tempo recente do ficheiro pdf ou da imagem jpeg, tif ou qualquer outra fórmula de mediação do corpo ausente, mas visível, a longevidade do manuscrito codicológico não será nunca equiparável. Como é uma mais-valia do manuscrito a sua não alterabilidade formal, face à possibilidade oposta da sua réplica digital, toda ela desmontável e recortável; a ordem estática do códice por contraposição à desordem possível da sua réplica digital no ecrã do leitor.

Contraponha-se a isto o valor de um códice que, na sua reprodução, se torna sempre acessível, pro contraposição à inacessibilidade – nem sempre, aliás, racional – do exemplar original. Longe, claro está, dos tempos em que o códice se acorrentava às estantes, consultável apenas naquele lugar, protegido por panóplias de bênção e de maldições respetivamente para os bons e para os maus leitores. As correntes das antigas bibliotecas medievais só se compaginam hoje na metáfora das redes das “sitiografias” que lhe condicionam a circulação do “e-book” e na necessidade dos “links” para abertura dos códigos/cadeados que prendem os “códices” incorpóreos.

² A perda dos exemplares originais, materiais, é uma realidade de todos os tempos e mantém acuidade nos nossos dias, apesar dos avanços na engenharia da construção de arquivos, bibliotecas e museus. Lembre-se a recente inundação, na Bibliothèque Nationale de France, ocorrida na noite do dia 12 de janeiro de 2014, que causou danos em 10 000 livros do seu departamento de literatura e de arte. Ver: Une inondation à la BNF endommage plus de 10 000 livres. *Le Monde* [Em linha]. 17 de janeiro de 2014. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:http://www.lemonde.fr/livres/article/2014/01/15/une-inondation-a-la-bnf-endommage-plus-de-10-000-livres_4348490_3260.html>. Recordemos, também, a ameaça de incêndio sofrida no Arquivo Regional da Madeira, no dia 4 de junho de 2014. Ver: Explosão no Arquivo Regional da Madeira (em atualização). *Jornal da Madeira*. [Em linha]. 4 de junho de 2014. [Consult. 18 jun. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://www.jornaldamadeira.pt/artigos/explos%C3%A3o-no-arquivo-regional-da-madeira-em-actualiza%C3%A7%C3%A3o>>.

Contraste-se, ainda, o carimbo taxativo do “mau estado – consulta proibida” do documento/código, que impede o seu acesso ao investigador, com o aparente bom estado permanente dos ficheiros que o reproduzem. Os tempos de pesquisa, no mundo contemporâneo da vida vertiginosa que caracteriza a sociedade e os indivíduos nela mergulhados, e a complexidade dessa pesquisa podem ser, todavia, facilitados grandemente pelo instrumental tecnológico.

As diferentes modalidades de acesso ao livro, manuseando o original ou consultando a sua reprodução digital, como já o era potencialmente se de reprodução fotográfica ou fac-similada se tratasse, encontram no leitor/utilizador o seu ponto de encontro. Os processos de acesso não colidem e ambos servem as estratégias de valorização de um património bibliográfico e documental. O usufruto da informação científica e estética do conteúdo é até potenciada pela disponibilização de imagens passíveis de tratamento tecnológico informático.

Parece um dado evidente que a investigação científica conquista, pela disponibilização do “código virtual”, digital, ganhos evidentes: a universalização e a liberdade do acesso ao “documento”, a sua reprodução imediata, a possibilidade dos múltiplos exercícios de análise descritiva e crítica sobre o mesmo.

Reconheça-se, todavia, que para o benefício entre estudo e fruição do manuscrito, em plataformas digitais, ser válido, há que manter a exigência dos saberes eruditos e técnicos que derivam das práticas de identificação, descrição, classificação e catalogação. A ausência destes elementos, ou a sua disponibilização insuficiente, põe em causa a benignidade da réplica virtual. O mesmo se deverá considerar se os motores de busca e os “filtros” aplicáveis não reconhecerem linguagens comuns de pesquisa.

Por outro lado, a desconformidade dos modelos de mediação e seu envelhecimento tecnológico, tornando rapidamente obsoletos ou amorfos, pela sua súbita inacessibilidade, os objetos reproduzidos, enfraquece a sua eficácia e alcance. Os códigos que nos seduzem suportaram e venceram o desafio de séculos e até de milénios de anos; as suas reproduções digitais e analógicas são uma realidade demasiado recente e fugaz para

esse exercício de vencimento do desgaste que o tempo traz aos materiais tradicionais da escrita e do livro.

As bibliotecas de manuscritos digitais são uma realidade nova no mundo³; uma realidade de que resulta um amplo usufruto do livro e uma conseqüente valorização do mesmo enquanto património comum de todos.

Cumprе enaltecer, neste ponto, o contributo português para esta nova realidade. Antigas livrarias medievais e modernas, como a do Mosteiro de S. Mamede de Lorvão, com manuscritos desde o século XII, podem ser consultadas integralmente recorrendo à internet e acessando o sítio *digitaltarq* da Torre do Tombo⁴. Coleções de “Forais manuelinos”, como os do fundo do “cartório” desta referida abadia estão igualmente disponíveis⁵, entre muitos outros códices aqui custodiados. Os tesouros medievais da Biblioteca Nacional de Portugal, como são as suas bíblias, os seus livros de horas iluminados e boa parte da antiga livraria medieval cisterciense do Mosteiro de Alcobaça vão estando disponíveis em arquivo digital⁶. O fundo de manuscritos medievais e renascentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra está também totalmente disponível através da internet⁷. Instituições privadas, em Portugal, possuidoras de códices

³ Uma relação destas bibliotecas virtuais pode consultar-se em: UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES. Center for Medieval and Renaissance Studies – The catalogue of digitized medieval manuscripts. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Los Angeles: CMRS, 2007. Disponível na WWW em: <URL:<http://manuscripts.cmrs.ucla.edu/about.php>>.

⁴ 51 códices desta biblioteca monástica podem consultar-se em: PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – Livraria do mosteiro. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Lisboa: DGARQ, 2008. Disponível na WWW em: <URL:<http://digitaltarq.dgarq.gov.pt/details?id=4381075>>.

⁵ PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – Forais. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Lisboa: DGARQ, 2008. Disponível na WWW em: <URL:<http://digitaltarq.dgarq.gov.pt/details?id=4485091>>.

⁶ Veja-se a pauta de códices digitalizados e disponibilizados em linha por cronologia em: BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – Biblioteca nacional digital. Lisboa: BNP, 2002. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL: <http://purl.pt/index/geral/date/PT/index.html>>.

⁷ Ver: UNIVERSIDADE DE COIMBRA – Alma Mater: Biblioteca Geral Digital. [Em linha]. Coimbra: UC, [2010]. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na Internet em: <URL:[http://alma-mater.uc.pt/index.asp?f=BGFUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN](http://alma-mater.uc.pt/index.asp?f=BGFUNDAÇÃO%20CALOUSTE%20GULBENKIAN) – Coleção: Arte do Livro. [Em linha]. Lisboa: FCG, 2013. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/ArteDoLivro>>.UCD>.

antigos, como a Fundação Calouste Gulbenkian, oferecem informação semelhante⁸.

A leitura do manuscrito medievo em formato digital conduz-nos ao ciclo da reinvenção constante do livro, dos seus modos de leitura e maneiio, contrastando-o entre imagem criadora e semelhança criada, tal renovada epifania prática do mistério que todo e cada códice encerra dentro de si, proclamando-o em palavras escritas e em imagens coloridas, e do seu vocabulário sempre povoado por semânticas dinâmicas e conotativas. Pelos originais como pelas suas cópias digitalizadas o leitor poderá experienciar o livro enquanto renovado objeto de intermediações plurais que podem ir da (in)formação ao puro prazer pessoal da contemplação estética. Um prazer pela descoberta da “fonte” que não diminui pela permanente visibilidade e circulação desta nos ambientes da web.

A experiência do livro, em tempos medievais, traduzia o amor de escribas, copistas, artistas e leitores ao conhecimento e ao reconhecimento do seu Deus; a escrita do livro propiciava, para aqueles que o faziam, o exercício purgativo da salvação da alma. No mundo nosso contemporâneo, o usufruto do livro, como, de algum modo, naqueles tempos, viu ampliados, pela tecnologia, os seus efeitos redentores, permanecendo, nas suas diferentes formas e suportes, um dos instrumentos culturais maiores por que se distingue a civilização da barbárie.

Referências bibliográficas

Breve bibliografia para apoio à reflexão do autor

AMARAL, A. E. Maia do, coord. – *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

BABO, Maria Augusta – *A escrita do livro*. Lisboa: Vega, 1993.

⁸ Ver: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – Coleção: Arte do Livro. [Em linha]. Lisboa: FCG, 2013. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/ArteDoLivro>>.

- BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – *Biblioteca nacional digital*. Lisboa: BNP, 2002. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL: <http://purl.pt/index/geral/date/PT/index.html>>.
- CLANCHY, Michael – *From memory to written record: England, 1066-1307*. 2.^a ed. Cambridge: CUP, 1993.
- Explosão no Arquivo Regional da Madeira (em atualização). *Jornal da Madeira*. [Em linha]. 4 de junho de 2014. [Consult. 18 jun. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://www.jornaldamadeira.pt/artigos/explos%C3%A3o-no-arquivo-regional-da-madeira-em-atualiza%C3%A7%C3%A3o>>.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – Coleção: Arte do Livro. [Em linha]. Lisboa: FCG, 2013. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/ArteDoLivro>>.
- FURTADO, José Afonso – *O livro*. Lisboa: Difusão Cultural, 1995.
- FURTADO, José Afonso – *Uma cultura da informação para o universo digital*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.
- GILISSEN, Léon – *L'expertise des écritures médiévales: recherche d'une méthode avec application à un manuscrit du XI^e siècle: le Lectionnaire de Lobbes: Codex Bruxellensis 18018*. Gand: E. Story-Scientia, 1973.
- GOMES, S. A – *In limine conscriptionis. Documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII a XIV*. Viseu: Palimage e CHSCUC, 2007.
- LABARRE, Albert – *História do livro*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- MANGUEL, Alberto – *Uma história da leitura*. 3.^a ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010.
- MANIACI, Marilena – *Archeologia del manoscritto. Metodi, problemi, bibliografia recente*. Roma: Viella, 2002.
- NASCIMENTO, Aires A. – *Ler contra o tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa. (Recolha de estudos em Hora de Vésperas)*. 2 Vols. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da FLUL, 2012.
- NEBBIAI, Donatella – *Le discours des livres. Bibliothèques et manuscrits en Europe IXe-XVe siècle*. Rennes: PUR, 2013.
- PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – Livraria do mosteiro. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Lisboa: DGARQ, 2008. Disponível na WWW em: <URL:<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4381075>>.
- PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – Forais. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Lisboa: DGARQ, 2008. Disponível na WWW em: <URL:<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4485091>>.
- SANTOS, Maria José Azevedo – *Da visigótica à carolina: a escrita em Portugal de 882 a 1172 (aspectos técnicos e culturais)*. Lisboa: FCG-JNICT, 1998.
- Une inondation à la BNF endommage plus de 10 000 livres. *Le Monde* [Em linha]. 17 de janeiro de 2014. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na Internet em:

<URL:http://www.lemonde.fr/livres/article/2014/01/15/une-inondation-a-la-bnf-endommage-plus-de-10-000-livres_4348490_3260.html>.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – Alma Mater: Biblioteca Geral Digital. [Em linha]. Coimbra: UC, [2010]. [Consult. 16 jan. 2014]. Disponível na WWW em: <URL:<http://almamater.uc.pt/index.asp?f=BGUCD>>.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES. Center for Medieval and Renaissance Studies – The catalogue of digitized medieval manuscripts. [Em linha]. [Consult. 16 jan. 2014]. Los Angeles: CMRS, 2007. Disponível na WWW em: <URL:<http://manuscripts.cmrs.ucla.edu/about.php>>.

Alguns endereços eletrônicos para acesso a códices e manuscritos digitalizados em linha

ALEMANHA

Dusseldorfer Virtuelle Bibliothek. Rara:

<https://www.uni-dusseldorf.de/ulb/sonders.html>

Internetquellen zu Handschriften (Stad und UB Frankfurt am Main):

<https://www.stub.uni-frankfurt.de/webmania/lhsn.htm>

Mediaevum de Mittelalterliche Handschriften:

<https://manuscripta.medeaevum.de/>

Staatsbibliothek Berlin. Die Virtuelle Welt des alten Buches:

<https://altdrucke.staatsbibliothek-berlin.de/linksammlung/>

VL-Geschichte Handschriftenkunde/Kodikologie:

<https://www.vl-ghw.unimuenchen.de/kodikologie.html>

VL-De Geschichte: Mittelalter: handschriften (Stuart Jenks):

https://www.phil.uni-erlangen.de/~plges/ma/ma_hschr.html

BÉLGICA

Bibliothèque Royale de Belgique:

http://www.kbr.be/collections/manu/catalogues_fr.html

BRASIL

Biblioteca Nacional do Brasil

<http://bndigital.bn.br/>

DINAMARCA

The Royal Library – National Library of Denmark and Copenhagen University Library:

<http://www.kb.dk/en/nb/materialer/haandskrifter/>

ESPAÑA

Biblioteca Nacional de España

<http://digitizedmedievalmanuscripts.org/digital-library-spain/>

Biblioteca Lázaro Galdiano – España

http://www.bibliotecalazarogaldiano.es/Entrada_ListaTitulos.html

FRANÇA

Bibliothèque d'étude et de conservation de Besançon:

<http://www.enluminures.culture.fr/documentation/enlumine/fr/>

Gallica – BnF

<https://gallica.bnf.fr>

GRÃ-BRETANHA

Bodleian Library & Radcliffe Camera

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/bodley/finding-resources/special>

British Library

<http://www.bl.uk/manuscripts/>

HoBo:

<https://www.english.ox.ac.uk/hobo/>

HOLANDA

Nationale Bibliotheek van Nederland:

<http://manuscripts.kb.nl/>

Universiteit Leiden:

<http://www.library.leiden.edu/special-collections/manuscripts/subcollections-whs-medieval-mss.html>

ITÁLIA

Firenze University Press

<https://epress.unifi.it/periodici.htm>

Ministero beni e attività culturali. Sistema archivistico nazionale. Sezione rarità:

<https://archivi.beniculturali.it/Biblioteca/indiceraria.html>

Manuscritos italianos

<https://www.youtube.com/watch?v=aYymCab09H4>

PORTUGAL

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/>

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

<http://almamater.uc.pt/index.asp?f=BGUCD>

Biblioteca Nacional de Portugal

<http://purl.pt/index/geral/PT/about.html>

Museu Calouste Gulbenkian – Lisboa

<http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/ArteDoLivro>

SUIÇA

Codices:

<http://www.codices.ch/>

Electronici-Codices:

<http://www.e-codices.unifr.ch/>

USA

Catalogue of digitized Medieval Manuscripts – University of California, Los Angeles:

<http://manuscripts.cmrs.ucla.edu/about.php>

Digital Scriptorium – The University of California – Berkely Library

<http://bancroft.berkeley.edu/digitalscriptorium/huntington/search.html>

Labyrinth:

<https://data.georgetown.edu/labyrinth/display/cfm>

Medieval Manuscripts on the Web – University of British Columbia:

<http://faculty.arts.ubc.ca/sechard/512digms.htm>

NYPL – New York Public Library

<http://digitalcollections.nypl.org/>

ORB. The Online Reference Book for Medieval Studies:

<https://orb.rhodes.edu>

The Morgan Library & Museum:

<http://www.morganlibrary.org/>

VATICANO

Biblioteca Apostolica Vaticana

<http://www.mss.vatlib.it/gui/scan/link.jsp>

José Augusto Cardoso Bernardes é Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Diretor da Biblioteca Geral da Universidade

Ana Maria Eva Miguéis é coordenadora do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra

Carla Ferreira é bibliotecária nos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



Série Documentos
Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
2015

